

# A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:  
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO :

100 rs.; numero atrasado  
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

## SUMMARIO

Historia dos sete dias—Política e politicos, *Petit Pitt*—Critica scientifica, *H.*—Cauhenho de um moralista em disponibilidade, *Pantagruel*—Raymundo Corrêa—*Chanson*, poesia, *Americo Lobo*—Quadros plasticos—Os sete peccados mortaes, *Th. de Dunville*—*Illuminuras*, *Julia Lopes*—Patriotismo provado—Lodo e estrellas, poesia, *R. Correa*—*Gazeta Litteraria*—Uma anedocta de A. de Oliveira, *Eloy*, o *Heroe*—Recordações, soneto, *H. de Magalhães*—*Mattos*, Malta ou Matta?—Theatros—*Recebemos*—Factos diversos—Cofre das graças, *Bibiano*—Tratos á bola, *D. Pastel*—Correio—Consultas—Annuncios especiaes—Annuncios.

## A SEMANA

Com o proximo numero terminaremos o nosso primeiro trimestre. Aos nossos esforços tem, felizmente, correspondido o favor e a benevolencia do publico. Para continuar a merecel-a não nos cuparemos trabalho nem sacrificios. Assim é que daremos em o nosso n. 14, primeiro do 2º trimestre, uma pagina illustrada, reproducção lythographica de um curioso e moderno retrato de Guerra Junqueiro e de um magnifico padre, com quem teve o grande poeta portuguez a estranha fantazia de retratar-se.

Esse trabalho está confiado á reconhecida competência do eximio *crayonista* Valle.

Além d'isso, contratou a empresa com o joven e distincto pintor Firmino Monteiro, que vae trabalhar dois annos em Paris,—a publicação,—como supplemento á *Semana*, e premio aos seus assignantes de escolhidas photogravuras, cujos desenhos serão feitos por elle, reproduzindo alguns dos quadros mais celebres e mais modernos.

Sem o auxilio e a protecção do publico nada poderemos fazer.

Confiemos, entretanto, que não nos faltará com ella, pois saberá reconhecer a somma de talento, de trabalho e de boa vontade, que *A Semana* representa.

A' parte fôfas modestias banaes, podemos dizer que esta folha é unica no seu genero e que nenhuma outra conta ou póde contar actualmente com os elementos de que ella dispõe. E' redigida por alguns jornalistas já conhecidos e estimados do publico, e collaborada pelos nomes mais reputados e mais celebres

das nossas letras. Continue o publico a proteger *A Semana* e ella irá melhorando progressivamente.

Aos Srs. assignantes de seis mezes, que agora entrarem, daremos como premio, uma collecção do 1º trimestre d'*A Semana* ou um exemplar do bello tango de Ernesto de Souza:—*A Semana*—100 réis!

Abrimos tambem uma assignatura especial de Abril a Dezembro, nove mezes, pelo preço de 68, com direito aos seguintes premios:—uma collecção d'*A Semana* e um exemplar do magnifico romance que estamos publicando e brevemente apparecerá em volume:—*Mattos, Malta ou Matta?*

Ficam extinctas as assignaturas de trimestre para fóra da capital.

Os preços para trimestre e semestre continuam a ser de 28 e 48000.

Chamamos a attenção do publico para o annuncio da 8ª pagina, em que se encontram todas as condições e o programma d'*A Semana*, com todos os seus detalhes.

**Rogamos aos Srs. assignantes de trimestre o obsequio de renovarem as suas assignaturas; e aos que se acham em atrazo o de satisfazerem seus debitos.**

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 21 de Março de 1885.

Petropolis, para receber Suas Altezas Imperiaes, realisou no dia 14 um diminutivo das allegorias de Rubens ás chegadas e ás festas das princezas de França. A cidade imperial desmanchou-se em enthusiasmos, e engrinaldouse de flôres e luzes para manifestar o jubilo de que as suas entranhas se achavam possuidas, pelo facto, de grande alcance social e politico, do regresso dos illustres viajores ao seio do Hotel Bragança.

Elles tinham atravessado os mares e as serras, os rios e os desertos, as florestas e os campos, as charnecas e os despenhadeiros; tinham saltado vallados e transposto precipicios! Como Livingstone, como Stanley, como Capello, como Ivens e como Serpa Pinto, elles estiveram em plena Hotentotia de Santa Catharina e comeram a cevada e os fructos venenosos das stepes do Paraná; viram-se aggreddidos por catilas de

selvagens vorazes commandadas pelos Sheiks de tez cobreada e pelos Regulos de fronte de ebano! Foram assaltados pelos leões da Arabia e pelos tigres mosqueados da Zambezia; picaram-lhes a imperial epiderme os moscardos e os maribondos bravios do Congo. Civilisaram á força de eloquencia e de pancadaria as tribus barbaras da Algeria, e affrontaram os beduinos temerarios do grande deserto! No Atlas as alcateas dos lynces de olho de braza roeram as botas monarchicas e estraçalharam com os dentes anavalhados o guarda chuva constitucional. Fizeram importantes descobertas para o engrandecimento da botanica, da zoologia, da geologia, da graphia e da gastronomia. Demarcaram os limites do Rio Grande do Sul e descobriram as origens da carne secca e das lingoas salgadas. Fizeram a classificação de innumeradas plantas desconhecidas e devoraram, á força, jantares barbarescos de cem talheres e almoços primitivos de cento e cincoenta!

Voltaram á patria combalidos e maccerrimos, com as barbas crescidas como as dos prophetas e os cabellos escorridos á nazarena; era justo, pois, que a patria se engrinaldasse de rosas e de verbenas e se ponteasse de copinhos luminosos para os receber, coroando-lhes as frentes augustas de guirlandas de louro, de carvalho e de buxo.

Honra á cidade de Pedro.

Parabens ao Palatinado.

\*  
\*\*

O facto que maior clamor provocou esta semana foi o narrado pelo *Diario Mercantil* de S. Paulo e transcripto pela *Gazeta de Noticias*. Um fazendeiro de Belém do Descalvado, açoitou barbaramente alguns colonos italianos e allemaes, confirmando assim as supposições que ha na Europa sobre a probabilidade de se prolongar no novo methodo de trabalho rural o desgraçado e deshumano regimen do eito e do tronco, a que os lavradores sujeitavam os escravos.

Felizmente, a Sociedade Central de Immigração tomou a si a tarefa das averiguações e é de esperar... que nada se faça, visto que ainda ha juizes... em Berlim.

\*  
\*\*

Os capoeiras têm continuado com as costumadas tropelias, e o seu numero tem augmentado consideravelmente depois da extincção da guarda urbana. Tambem, que diabo hão de fazer os urbanos desempregados?

Além d'isso, o policiamento actual da cidade, parece-nos bom, mas é insufficiente.

Ora, crescendo os capoeiras e diminuindo a policia, o resultado é facil de prever: navalhas no horisonte.

No dia 16 houve no Hotel do Globo um grande banquete politico, offerecido pelo partido conservador ao Dr. Silva Tavares, deputado depurado pela commissão de poderes, que se decidiu pelo Sr. Maciel Antunes de Pelotas.

Emfim, o illustre rio-grandense não perdeu tudo. Um bom *rotti* e um bom *filet aux champignons*, acompanhados por algumas garrafas de *Chambertin*, de *Bourgogne* e de *Rheno* se não valem um diploma da temporaria pôdem muito bem consolar a dyspepsia politica do partido da ordem. A retalição pela gastronomia é uma conquista moderna; a opposição não poderia encontrar mais tremebunda vindicta para a decepção que soffreu, do que a que lhe forneceu o grande Brito—o principe da mesa nacional com *ménu* francez.

A influencia politica da batata frita e a preponderancia social do *poisson au gratin* no destino dos povos, são hoje incontestadas, principalmente como manifestação das minorias contra o elemento deleterio das contestações; a incontestabilidade do *dindon truffé* oppondo-se á contestação do diploma indeferido...

Bem dizia um sapateiro nosso, que era tambem philosopho nas horas vagas,—que isto de politica era uma questão de barriga. Com comes e bebes é que se leva o mundo e se apenam situações.

Outro assumpto com que muito se occupou a curiosidade publica foi o caso da menor fallecida na rua dos Voluntarios da Patria; caso que tem rendido á *Folha Nova* bem boas vendas avulsas.

Os boatos, que não são poucos, contradizem-se de modo notavel, e das irritadas e fortes discussões que a tal respeito se travam nos cafés e nas esquinas das ruas, nenhum elemento de convicção se tem produzido.

O Dr. 3º delegado tem tomado muito a sério a questão e do rigoroso e secreto inquerito, a que está procedendo ainda, é de esperar brote luz intensa e farta sobre esse lamentavel acontecimento.

Antes de conhecido o inquerito fôra imprudencia, e grave, avançar qualquer opinião a respeito.

Aguardemol-o, portanto.

Outro caso de infanticidio; mas este irrefutavel. authenticado confesso;—teve logar na semana. Houve uma mulher tão pouco digna da dolorosa honra de ser mãe que, havendo dado á luz uma criança viavel e perfeita, teve a cobardissima coragem de estrangulal-a; e um homem tão miseravel que se prestou a fazer desaparecer o cadaversinho, lançando-o ao mar. Ella chama-se Alexandrina Julia da Costa Lobão; elle—José Ferreira Pinto.

Dizem que é o pae da criança. E' casado e é compadre da sua amasia e cumplice. Bellos paes!

Na conhecida casa De Wilde tiveram os apreciadores das bellas artes occasião de admirar alguns novos trabalhos de Firmino Monteiro, o esperançosissimo pintor brasileiro, que a estas horas segue no *Congo*, caminho de Paris, onde vae estudar e trabalhar novamente durante dois annos.

Firmino despediu-se dos seus amigos e apreciadores, mostrando-lhes os seus ultimos quadros.

Compõem-se de payzagens, na maior parte, marinhas e alguns esboços a *crayon*. Em todos elles, em uns mais do que em outros, revella-se o progresso

que está fazendo dia a dia o delicado e seguro pincel do nosso talentoso patriótico.

Foi um bello adeus ao Rio, onde esperamos vel-o de regresso, trazendo na bagagem mais meia duzia de *idigaes*.

A morte do Dr. Epaminondas de Mello, deputado eleito por Pernambuco, homem de talento reconhecido, ao qual deve muitos serviços o seu partido, foi a nota funebre da semana.

A vindoura será provavelmente mais rica de acontecimentos, pois vamos ter grandes cousas na camara, e, talvez, mais triste.

Até sabbado.

## POLITICA E POLITICOS

Continuam como no quartel general de Abrantes.

O governo, enquanto as commissões verificadcras não reconhecem o resto dos seus amigos, e não contando por enquanto com sufficiente maioria para arrostar as luctas parlamentares, tem obstado a que haja sessão na camara; de forma que os dignissimos augustos têm levado uma vida regalada, *chuchando* os cincoenta mil réis diários do subsidio sem trabalho nem canseira.

Espera-se, entretanto, que termine depois d'amanhã esse *far niente*, doce é verdade, mas muito pouco parlamentar.

Não podendo ou não confiando vencer a perigosa campanha sem o auxilio da dissidencia, entendeu acertadamente o governo que o melhor seria transigir um pouquinho com ella, sem escandalo e com astucia.

E é isso o que elle está fazendo. Deve estar quasi concluido o almejado *pudding do arranjo* Dantas—Moreira, e segunda feira ou terça deve elle ser offerecido sobre o tapete da discussão á gula impaciente do publico e ás linguas afiadas dos senhores deputados.

Consta que alguns ferozes Cooks parlamentares têm-se recusado formalmente a collaborar na confecção desse pudim salvador, sobre o qual repousam as esperanças da patria e dos jornalistas desassumptados.

Entre esses figuram os escravocatas *quand même*.

Souza Carvalho, o retroactivo, Lourenço, o sebastianista, Sinimbu-filho, o tchang-tching, e Valladares o canario myope.

Continuemos, portanto, a esperar que venha finalmente a hora do combate.

Agora está por pouco, e já que temos esperado até aqui...

PETIT-PITT.

## CRITICA SCIENTIFICA

De anno a anno enthusiamamo-nos com ver o progresso da nossa mocidade academica e orgulhamo-nos por saber que a velha Europa recebe e lê trabalhos scientificos de merito, elaborados por moços brasileiros, que terminam o seu curso, legando á posteridade valiosas monographias, fructo da sua applicação e estudo.

No fim do anno passado a Faculdade de Medicina enriqueceu-se com algumas theses de subido valor.

Temos tido occasião de receber poucas é certo, mas todas ellas de merecimento.

Ha dias, como noticiámos, foram as dos Srs. Drs. Francisco Pessanha e João Ferreirinha; hontem a do Sr. Dr. An-

tonio Pimentel e hoje chega-nos ás mãos a esplendida dissertação do Sr. Dr. Di-aulas Eugenio de Almeida Leite que, tratando da *Sclerose espinhal posterior*, foi approvado com distincção.

Realmente foi felicissimo na sustentação das suas ideias o Sr. Dr. Di-aulas, que soube, além de amenisar o espirito do leitor com a sua linguagem sã e correctea, discutir com criterio e tino esse problema complexo e delicadissimo.

Desde o historico até ao tratamento do *tabes dorsalis*, denominação que nos parece ser a melhor para a molestia de que se occupa, S. S. envolve-se na elucidación das interessantes questões d'essa parte do vasto dominio do systema nervoso, e basta isso para merecer os nossos applausos.

Com effeito, apesar do grande impulso que na escola da Salpêtrière, Charcot tem sabido dar ao estudo das affecções do eixo cerebro-espinhal, existem ainda muitas trevas e muitos problemas a resolver, começando principalmente pela etiologia do *tabes dorsalis*.

Na parte therapeutica do seu trabalho S. S. dá-nos uma extensa lista dos agentes empregados contra a molestia, discutindo com proficiencia os casos em que devem ser dados de preferencia os *mercuriaes* e *iodicos*, os *revulsivos*, a *strychnina*, o *nitrate de prata*, o *esporão de centeio*, etc., e aquelle em que se deve recommendar a *electro* e a *hydro-therapia*.

E dizemos que o Sr. Dr. Di-aulas discutio este ponto com proficiencia, por que, como diz Dujardin-Beaumez:

« *Quant à la therapeutique, elle est, il faut le reconnaitre, encore moins avancée; ne pouvant s'appuyer sur des données physiologiques et pathologiques positives, elle erre à l'aventure, n'ayant pour guide que l'empirisme et la tradition.* »

Mais uma vez sentimos que o espaço nos seja pequeno para estas discussões, que um trabalho destes desperta, porque d'ellas só nos pôde vir a illustração de que tanto precisamos.

Agradecemos ao distincto medico a valiosa offerta.

H.

## Canhenho de um moralista em disponibilidade

A differença essencial que existe entre o homem e o bruto, é que a este faltam dous predicados que sobejam no primeiro: indole supersticiosa e genio intrigante. Só.

Julgamo-nos sempre capazes de praticar as boas acções dos outros, porém nunca as más.

Não ha nada mais prejudicial á sociedade do que a falsa sciencia, o mau talento. Mil vezes é preferivel o ignorante singelo ao sabichão pretencioso.

Em geral somos responsaveis, immediata ou remotamente, por tudo quanto nos succede de bom ou de mau nas relações sociaes. Expunja-se cada qual do seu amor-proprio e reconhecerá a verdade d'este asserto.

Desconfia dos humildes e dos risonhos. Tartufo e Don Juan têm descendentes em todas as classes e profissões.

Ninguem se deve arrependere de ter

alguma vez sacrificado o proprio interesse em bem da verdade e da justiça. Não ha nada que pague a intima satisfação de uma consciencia recta e altiva.

Hoje não se pergunta a um desconhecido quem é elle, de onde vem, a que familia pertence, quaes as suas idéas ou os seus sentimentos sobre isto ou aquillo; mas tão sómente — quanto ganha?

O valor monetario é a *prima et ultima ratio* d'esta moral de alfaiate.

Moral de alfaiate, dissemos. Entrai na primeira loja de alfaiate que encontrarde e pedi informações sobre algum dos freguezes da casa. O alfaiate irá immediatamente consultar o seu borrador, e depois de verificar a conta corrente do supradito freguez, responder-vos-ha:

— *Deve-me tanto, ha mais de um anno;* o que, em linguagem vulgar, significa — *Não presta, é um canalha;* ou então: — *Deve-me pouco* — isto é: *não é mau sujeito, mas tem alguns defeitos que o tempo pôde corrigir;* ou, por ultimo, — *Tem saldo a favor* — phrase correspondente á seguinte: — *E' uma perola! Um anjo! Uma alma crystallina!*

Tres vezes quatro doze, e seis dezoito, menos cinco treze, mais dez vinte e tres, e quatro vinte e sete, nove fóra nada.

Assim pondera Balzac.

E eu tambem.

PANTAGRUEL.

## RAYMUNDO CORRÊA

Está de todo livre de perigo e entrou em convalescença franca da gravissima febre typhoide de que esteve affectado, o nosso estimado collaborador Dr. Raymundo Corrêa, o distinctissimo poeta das *Symphonias*.

O seu estado foi serio e tornou-se tão perigoso que houve momentos em que se perdeu toda a esperanza de salvá-lo. Felizmente venceu a natureza robusta do enfermo, auxiliada pelos recursos medicos, acertadamente empregados.

Muito debilitado, com a vista mal segura, entontecido e um pouco surdo ainda, em consequencia da pavorosa e descomunna porção de quinino assimillada pelo seu organismo para vencer a febre, mas inteiramente salvo, volta o inspirado poeta a occupar-se, pouco a pouco, com os seus interesses, com os seus amigos e com os seus trabalhos litterarios.

Na carta que escreveu ao nosso director, após haver descripto os horribes padecimentos que lhe impoz a febre, exclama: « Ah! mas como a convalescença tudo sabe compensar! » e continúa dizendo: « Acho-me ainda muito fraco e esgotado, mas espero que em breve estarei completamente bom. Depois de haver melhorado é que soube da morte do nosso bom Arthur Barreiros. Coitado! E eu podia morrer ignorando-o!... »

A respeito dos bellos versos que nos

remetteu e que hoje honram as nossas columnas, diz o poeta: «...Apezar disso escrevi hontem, ainda sob a impressão da molestia as quadrinhas que ahi remetto.

Não me custou fazel-as; fil as quasi de repente; e se forem por ventura, más, acredita que no estado de abatimento physico e moral em que me acho ainda, não deixaria de me ser prejudicial caprichar em versos... »

Felicitamcl-o cordealmente e nos congratulamos com as letras patrias pelo seu restabelecimento.

E arguemos aos ceus, em acção de graças—não em *Te-deum laudamos*, mas meia duzia de...sonetos, todos os sonetos das *Symphonias*.

Agradeçam-nos—os céus.

## CHANSON

*Quand tu dors, un songe d'amour*  
Perce dans la fleur de ton âme,  
Et sur toi rayonne une flamme  
Plus belle que l'astre du jour.

*Quand tu ris, un souffle divin*  
Parfume tes lèvres de rose,  
Iris, aux purs diamants éclore,  
Baise ta joue, voilant ton sein.

*Quand tu chantes, l'oiseau plaintif*  
Meurt pour toi et d'amour soupire,  
Ses ailes tombent sur ta lyre,  
Baignées des pleures et de sang vif.

Leopoldina.

AMERICO LOBO.

## QUADROS PLASTICO

Os Srs. França & Comp. abriram na antiga casa do Congresso Brasileiro, á travessa da Barreira n. 9, uma exposição de figuras de cera.

Parte dos quadros já foram vistos pelo publico, ha annos, no salão da Guarda-Velha.

Parece nos que o mais digno de menção pela naturalidade e pela expressão das physionomias dos seus personagens, é a *Ceia*, de L. da Vinci. Ha, porém, outros quadros dignos de nota, como a execução dos *comuneros* hespanhóes; Garibaldi ferido; Hospital de sangue... Ha outros tambem muito mal feitos, como sejam o de n. 23 que representa o assassinato de D. Manoel Pardo, e o de n. 20, que representa Maria Antonieta ao ser conduzida ao cadafalso. A cabeça da rainha é horrivel.

Nesta exposição predominam os retratos de personagens illustres, principalmente do Perú e do Chile. A cabeça de Castelar deveria ser substituida, porque representa o grande orador muito mais moço do que elle é actualmente.

Se não é uma exposição rica, é, entretanto, digna de ver-se.

## OS SETE PECCADOS MORTAES

(Versão de Valentim Magalhães)

I

AVAREZA

Mais bella, muito mais bella do que as deusas e as ideaes creaturas evocadas

pelos genios, a magnifica Estélla Violás apparece a pé no boulevard, trazendo na mão a sua sombrinha escaurlate; e, no mesmo instante, Paris, que parecia sentimental, estúpido e aborrecido, torna-se esplendido!

Como se o sol, rasgando subitamente as pallidas nuvens, houvesse lançado em ondas a sua poeira de ouro, tudo se anima e tudo scintilla ao esplendor desses olhos e desses labios soberbos. As arvores reflorem, as *vitrines* das lojas alegam-se, os homens tomam ares de distincção, e as *toilettes* das damas rebrilham pomposamente, como pinturas desmaiadas sobre cujas telas se houvesse passado uma esponja humida.

As calçadas, as paredes, as carruagens, os transeuntes, os bancos de ferro, os kiosques inundam-se de alegria; os rossins dos flacres disparam, fogosos como os cavallos de Achilles, e casaes de burguezes, que passeiam, sentem o Amor,—de ha muito apagado e morto,—despertar, resuscitar em suas velhas almas.

Estélla percebe e comprehende como a cidade inteira se extasia, feliz, vendê-a passar.

Mas desagrada-lhe precisamente que os homens e as cousas saboreiem semelhantes alegrias gratuitamente, sem abrirem as bolsas; e (como Paganini punha a sua rabeca em surdina, para que a não ouvissem—de graça) deixando de novo a sombra em sua passagem, os corações desolados e a atmosphera tristonha e turva—Estélla desce avaramente o seu véu impiedoso.

II

INVEJA

Sentada ao lado de seu amante, o joven visconde Paulo de Novis, Manoella Manny atravessa, em carro descoberto, a grande rua de Viroflay, E' linda, é bella, é adoravel, vestida de uma *toilette* primaveral, moça, como o sabe ser a mulher para quem a natureza e a arte já não têm segredos, carminada com tão fina habili-dade, que o rubro do seu sangue e o rubro do perfumista mistu am-se em uma só e verdadeira mancha rosada; e tão bem espartilhada que o não parece.

Ella é feliz, sentindo-se adorada pelo mancebo encantador que lhe bebe os olhares; mas neste iustante ella avista uma pobre mocinha esfarrapada, desgrenhada, sentada no chão, apanhando cacos na sargeta, e ferozmente beijada do sol.

Mordida no coração, Manoella, vendo as bellas faces d'aquella creança selvagem, comprehende que as faces della, a feliz amante de Paulo, devem parecer o que são realmente: pintadas. No entanto, um novo espectaculo a preoccupa de uma outra fórma. Manda ao cocheiro que pare a caleça o diz a Paulo, com indifferença:

— Espera-me um pouco. Quero dar uma esmola áquella pequena.

E, descendo, vae direito á rapariga,

cuja camisa de grosso algodão trigueiro mostrava um buraco sobre o peito, redondo como um ilhoz.

— Rapariga, diz a formosa dama, quem te fez esse buraco na camisa?

— Este buraco?... responde a moçinha, abaixando o grosseiro tecido até mostrar, todo nú, um pequeno seio doirado e rijo como cobre:—foi isto, minha senhora.

— Ah!... exclama a outra, furiosa, lançando um olhar desconfiado ao seu amante, que, felizmente, nada tinha visto. E, antes de voltar á carruagem, Manoella dá um luiz de ouro á vagabundinha, mas, ao mesmo tempo, com um ódio sinistro, belisca-lhe o braço — a ponto de lhe fazer sangue!

THEODORO DE BANVILLE.

## ILLUMINURAS

MUTAÇÕES

Ella brincava com o amor como um gatinho brinca com um novello.

Nas chammasinhas crepitantes de seu espirito faiscava a volubildade risonha e caprichosa.

A inconstancia era a sua intima; murmurava-lhe segredos, dava-lhe pancadinhas nas faces e longos beijos na bocca; tambem ella amava-a como á mais feliz e alegre companheira!

Mas... chegou um dia em que as mãos tremeram-lhe ao armar no ar o laço attrahente e doce.

Apagou-se, cahiu então do seu ameno céu essa brilhante estrella—a illusão; queda que ella viu atravez de grossas lagrimas!

Luzia-lhe na frente o primeiro cabello branco.

JULIA LOPES.

## Patriotismo provado

A commissão, composta dos Srs. J. Campos Porto, L. Gonzaga Duque Estrada e O. de Niemeyer, que havia tomado a si o encargo de agenciar donativos afim de offerecer um mimo ao Dr. Barbosa Rodrigues, mimo que fosse uma expressão de reconhecimento patriótico ao illustre botânico brasileiro, que prestou o grande serviço da cathechese dos indios *Crichanás*—acaba de se dissolver, desilludida pelo máu resultado dos seus esforços.

Nas folhas de hoje apparecerá uma carta, que nós não publicamos por falta de espaço, na qual se declaram os motivos da resolução tomada e em que se lamenta a indifferença e o menosprezo da patria para com os seus filhos mais illustres, mais prestantes e que mais a honram pela sua intelligencia e pelo seu trabalho.

## LODO E ESTRELLAS

N'este Caspio sem marulhos,  
Sem macarões, quieto, quieto,  
Em vão brota o lodo infecto  
Só venenosos tortulhos;

Em vão sobre elle bafeja  
A peste, e, na superficie,  
Boia a nata da immundicie  
E zumba a mosca—vareja;

No proximo numero publicaremos — a *Gula* e o *Orgulho*.

N. da R.

Ferve o enxame dos immundos  
Vibriões, filhos da lama,  
— Deliciosissima cama  
Dos farroupas nauseabundos —

E despovoa os casebres  
Visinhos, lançando aos ventos  
Os miasmas pestilentos  
Do carbunculo e das febres;

Pelas margens e por cima  
Os torpes sapos, coaxando,  
Sobre o charco pulam, quando  
Acaso alguém se aproxima;

Em vão; que Deus não esquece  
As cousas mais vis; portanto,  
Sobre esse putrido manto  
Batendo, o sol resplandece.

N'elle os olhos azues cravam  
As estrellas vacillantes,  
Que em aguas taes repugnantes,  
Sem repugnancia, se lavam;

E tambem n'elle se banha,  
Em horas mortas, a lua,  
Como a Willis toda nua  
Das legendas da Allemanha.

Nem sempre elle espelha a peste:  
Que ás vezes n'elle os fulgores  
Dos iris e as setc cores  
Se estampam, do arco celeste;

Deus verte a flamma siderea  
Na escura e tabida vasa.  
E a entrada infecunda abraza  
Da podridão deleteria;

Dá-lhe a luz, sem convertel-a  
Na luz; pois jámais, de todo,  
Deixa o lodo de ser lodo,  
E a estrella de ser estrella!

Mas basta a luz n'elle accesa  
P'ra que o barro vil reflecta  
D'aquella flamma infinita  
Toda a infinita grandesa...

RAYMUNDO CORRÊA.

## « GAZETA LITTERARIA »

O fasciulo distribuido ha dias comprehende os ns. 22, 23 e 24 e traz a data de 31 de Dezembro, em que completou o seu primeiro anno de existencia. Sustentar uma revista litteraria do genero desta é, entre nós, empreza difficillima e rica... de espinhos. Os directores da *Gazeta Litteraria*, e com especialidade o Sr. Valle Cabral, o erudito bibliophilo, seu fundador, deram provas de rara habilidade e de pertinacia realmente heroica.

O primeiro anno da *Gazeta Litteraria* fórma um volume de 438 paginas, que offerece variada, instructiva e amena leitura. No triplice numero, ora distribuido, encontra-se uma bonita novidade: — a reproducção de dous ligeiros, mas interessantes desenhos do grande pintor Driendl por meio da xylographia.

Um representa a *Doca do Mercado do Rio de Janeiro*, o outro *Uma cabeça de mulher*.

Foi muito feliz o Sr. Villas Bôas no seu trabalho xylographico; mórmente na *Doca*; e bem merece os elogios que lhe dispensou o Dr. Ferreira de Araujo no artigo que acompanha as gravuras.

Foi uma tentativa bem succedida e que seguramente desbrochará, de futuro, em outros e mais bellos trabalhos.

Saudamos cordialmente a *Gazeta Litteraria* pelo seu primeiro anniversario, e desejamos-lhe vida tão longa e tão gloriosa como a da *Revue des deux mondes*.

Quanto ao publico, recommendamos-lhe com vivo interesse a elegante e sympathica revista, em que collabora a fina flor da nossa litteratura.

## Uma anedocta de Arthur de Oliveira

O meu saudoso e genial amigo e mestre Arthur de Oliveira, que, eutretanto, não era um *farceur*, nem para lá caminhava, achando-se alta noite em passeio com alguns companheiros de bom humor, encontrou no largo da Lapa um urbano serenamente encostado a um lampeão, fumando mal cheroso *permanente*.

— Está preso! bradou o Arthur, segurando fortemente pelo pulso o passivo agente da força publica.

Os companheiros entreolharam-se, pasmados.

— Moço, siga o seu caminho; disse o urbano n'um tom entre somnolento e ameaçador.

— Está preso! repetio o adoravel fazedor de phrases; e preso o levou, apezar de todos os protestos, pela rua das Mangueiras, pela dos Barbonos, pela da Guarda-Velha, até entregal-o ao official da estação do largo da Carioca.

— Mas que fez este homem? perguntou o official.

— Que fez? E' boa! Deixou-se prender! Acha pouco?

Os companheiros do Arthur agarraram-o e levaram-o d'ali, antes que elle se lembrasse de prender tambem o official e conduzil-o a outra estação.

ELOY, o HEROE.

## RECORDAÇÕES

Plenilunio que doiras a serra,  
Nuvens,—trapos de nitido véu,—  
O' lampyreos!—estrellas da terra,—  
O' estrellas!—lampyreos do céu;

Vós trazeis-me lembrança tristonha  
De preteritos tempos. Quem dera  
Que voltasse essa quadra risonha...  
O' fagueira, ó gentil Primavera!

No teu seio eu não tinha terrores;  
Via o mundo ridente, em festejos!  
O' que beijos, que sonhos, que amores!...

Ai! agora só nutro desejos  
De volver-me a csse tempo de flôres,  
E de amores, de sonhos, de beijos...

(Sonetos de toda cor.)

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

CAPITULO X

Antes de dar conta da primeira e memoravel entrevista que a ferrivel D. Leonarda commetteu contra o seu compadre Quintino, peço ao leitor que me acompanhe de novo á minha casa, onde iremos encontrar o nosso extravagante João Alberto, estendido sobre a cama, a fumar voluptuosamente um charuto do que encontrára na algibeira do seu substituto de morte.

— Então? disse-lhe ao entrar no quarto — Como vae isso?

— Magnificamente! respondeu elle. —

Sinto-me melhor do que nunca! Ah! Vejo que não ha para a saude e para o bom humor como algumas horas de morte e um passeio ao cemiterio de S. Francisco!... Gostei tanto da brincadeira que, se fosse homem de recursos, havia de lá ir todas as semanas, dentro de um caixão e puxado pelo burrinho da Misericordia!

— Bem, volvi eu — Mas deixe por enquanto as considerações, e passemos uma revista nas algibeiras d'aquelle fraque, porque desconfio que encontrarei ali alguns esclarecimentos uteis para as minhas pesquisas.

— Então o senhor quer me revistar as algibeiras?

— Perdão! não lhe quero revistar as algibeiras, as suas, mas sim as algibeiras do fraque do homem que eu procurara.

— Que procurara? Explique-se!

— Sim. Aquelle sujeito que ficou no cemiterio é o homem que eu procurara.

— Para que?

— Negocios particulares...

— Não! Desde que eu me apossei do logar, da roupa, da carteira e do nome d'aquelle pobre homem, entendo que sou o seu unico representante sobre a terra e estou disposto a responder por elle. Diga pois o que deseja do meu infeliz cliente. Os seus negocios tratam-se commigo!

— Já lhe disse que são negocios particulares, e só tratáveis com elle proprio. Quero dar uma busca nessas algibeiras, porque é natural que o miseravel trouxesse consigo algum documento dos seus crimes.

— Ah! elle era um criminoso?

— Dos peiores.

— E que lhe queria o senhor?

— Matal-o.

— Sim?

— Com certeza.

— E não poderia o amigo, com um pouco de boa vontade, substituir essa intenção por outra?

— Por outra?

— Sim; visto que agora, neste bom momento de repouso e ventre cheio, não me seria muito agradável cumprir com essa desagradavel formalidade...

— De que formalidade está o senhor ahi a fallar?

— Da formalidade de morrer pelo meu homem. Já não lhe disse que accetei com todos os onus o lugar vago que elle deixou no mundo?

— Vago parece-me você!

— E sou.

— Vago e synico!

— Também, mas confesso que neste momento não estou muito disposto a morrer. Ponhamos de parte esta questão por enquanto e mais tarde entraremos em qualquer accordo. Póde todavia ficar tranquillo, que se faz muito empenho em matar o Castro Malta, eu não fugirei ao dever. Descance.

— O senhor é idiota.

— E' exacto talvez, mas veja se póde ir dar um passeio; tenho somno e preciso dormir. Vá!

Dizendo isto o resuscitado bocejava, encolhendo-se na cama e aconchegando-se aos travesseiros.

— Olhe! acrescentou elle, se faz muito gosto em revistar-me as algibeiras, reviste-as durante o meu somno e, se quiser roubar o dinheiro que ahi tenho, peço-lhe o obsequio de não roubar tudo. Deixe-me alguma coisa...

E bocejava de novo.

Eu, para não lhe distrahir o somno, deixei de responder e sahi do quarto.

D'ahi a pouco o bohemio resonava como um porco, e eu tratei de apoderar-me da roupa que elle trouxera do cemiterio.

Principiei a revista pelo fraque, passei depois ao collete e afinal ás calças.

Encontrei o seguinte, cujos objectos

inventariei em uma folha de papel, que hoje se acha em poder do compadre de minha sogra:

1. Uma carteira com tres bolsos, havendo em um d'elles uma conta de charutos da Casa Havaneza; um pedaço de papel sujo e meio roto, no qual se liam os seguintes versos:

« Amei-te um dia, oh que triste sorte!  
Amei-te muito, amei-te por demais  
Visto que tu, mulher, eras mais forte  
Do que... »

O resto não se podia ler.

Havia ainda nesse bolso da carteira um decimo da loteria de S. Paulo; uma receita passada pelo Dr. Silva Araujo, e uma pequena trança de cabellos castanhos amarrados por uma fita azul toda nodoadada de oleo cheiroso.

No outro bolso da carteira encontrei duas notas de vinte mil réis e uma de dez; ao lado das notas um outro decimo da loteria de S. Paulo e uma cantela do Monte do Socorro, que constava de— um broche de ouro em fórma de coração, guarnecido por um chuveiro de diamantes.

Calcule-se o interesse que me produziu essa denunciadora cautela, logo que me saltou á cabeça a idéa de um broche justamente n'aquellas condições, que possuia minha mulher.

Foi já com as mãos tremulas e o coração afflicto que proseguí á busca no terceiro bolso da carteira.

Encontrei uma photographia. E advinha se de quem!

Da Jeannite.

Nas costas do retrato lia-se escripto em bastardinho:

« *A mon petit bien aimé.* »

E grudado ao fundo do bolso estava uma estampilha do correio.

Passando á segunda algibeira do fraque, encontrei um maço de papeis, que tratei logo de inventariar, declarando pelo seguinte modo o que elles continham:

1.º « João Alves.— Se já não precisas da *Nana*, devolve-m'a, que o dono m'a reclamou por duas vezes.— Teu, *Costa Rosas.* »

2.º « O Sr. João Alves Castro Malta deve a Gaspar Leite & C. cinco mil réis, importancia de um jantar.— Recebi, 8 de Novembro de 1883.— *Gaspar Leite & C.* »

3.º « Joãozinho.— Espero-te hoje. Meu marido está de serviço.— Tua, X. »

A letra d'este bilhete não me era conhecida, felizmente.

4.º « Ilm. Sr. Castro Malta.— Segunda feira mato um peru e minha fillinha faz annos. Venha jantar connosco. Se quizer pode trazer o Mello.— P. S. Não esqueça o violão.— Seu, *Mendonça de Freitas.* »

5.º « Sr. Castro.— Estou cansado de procural-o em casa e na rua. O senhor tem caçoado deveras commigo; pensei que tratava com um homem serio e tratei com um velhaco. Se até o dia 31 d'este mez o senhor não pagar o que me deve, entrego a sua conta a um procurador.— *Thomaz Cardoso.* »

6.º « João Alves.— Vê se me apromptas o discurso. O dia do casamento está a bater a porta, e tu bem sabes que eu prometti fazer um improviso.— Teu primo e amigo, *Casusa.* »

O setimo documento era um artigo de fundo cortado da *Gazeta da Tarde.*

8.º Seis cartões iguaes de uma casa de moveis.

9.º Um lapis com bainha de metal.

10.º « *Hir* á rua Primeiro de Março n. 20, procurar no escriptorio dos fundos a ordem do Sr. commendador Manoel da Silva Braga para me ser entregue a chave de sua chacara, em Catumbi. »

11.— « *Amonia*— 30 grammas. H<sup>2</sup>O— 100 grammas. »

Nessa algibeira havia mais dous cha-

rutos e um quaderninho de mortallas *Abbadie.*

Passando ao bolso de fóra do fraque encontrei um lenço barrado de azul, com um monogramma composto de um R, um S e um B.

Este lenço cheirava á agoa da Colonia misturada com fumo.

Nas algibeiras de traz havia um outro lenço sem marca e enxovallado e uma caixa de phosphoros de páu.

Nas algibeiras do collete encontrei um relógio, cuja corrente pendia a uma das casas dos botões; uma phosphoreira de platina cheia de phosphoros de cera; uma pequena chave de trinco e uma outra de gavela; um botãozinho de colarinho, obra de madre-perola; tres níckeis de 200 réis e mais dois vintens embrulhados em papel; ainda um decimo da loteria de S. Paulo; um limpador de unhas; um pedaço de papel em que estava escripto « Rua do Conde d'Eu n. 8 » e mais um vidro esfumado de oculos ou lunetas.

Nas calças encontrei quatro mil réis em notas miudas, oito cigarros, um pedaço de vela stearina, um canivete, e atraz, perto do cóz, em uma algibeira disfarçada, havia um revolver de seis tiros, completamente carregado e em descanso.

Já desanimado, ia abandonar a roupa do miseravel amante de minha mulher, quando descobri o bolsinho da luva e, ahi, rebuscando avidamente, encontrei uma carta que me illucidou mais do que todos aquelles documentos e da qual darei parte ao leitor no seguinte capitulo.

A essa carta devo eu o bom resultado das minhas pesquisas. Mas, não precipitemos os acontecimentos.

## THEATROS

Foi na quinta-feira, no Lucinda, o beneficio da actriz Apollonia, com o drama em 5 actos e 6 quadros de Leon Gozlan, traducção de Pedro Vidoeira—*O Cadastro da Policia.*

Esta peça, que já foi aqui representada, ha annos, com o titulo *O livro Negro*, é o que se póde chamar uma peça má. Moldes velhos, acção gasta, fundada nos rafados preconceitos de raça, contextura estravagante, situações tibias, actos muito desiguaes e mal feitos. Acrescenta-se uma traducção pessima, incorrectissima, e ter-se-ha uma idéa do drama que a intelligente actriz em má hora escolheu para seu beneficio.

Dar *Cadastro da Policia* logo em seguida ao *Palhaço* parece-nos um erro de officio muito lastimavel.

O desempenho foi tambem outra desgraça—salvou-se unicamente a beneficiada.

Galvão, além de não ter nenhuma das condições exigidas pelo seu papel, representou-o deploravelmente, e, do que disse, o publico não chegou a perceber metade, tal a inflexão e a maneira accidentada de emittir as palavras.

Ferreira, a quem nunca nos cançamos de censurar, porque é um actor de talento, esteve infelicissimo no seu bonito papel de Mauricio. Fez um personagem sombrio e quasi sinistro, levou tudo n'uma declamação cantarolada, de um effeito que hoje ja nem é estimado pelas galerias.

A propria Clelia, uma actriz conscienciosa e proecta, além de se ter caracterizado muito mal, esteve fraquissima no seu papel de velha fidalga.

Só Apollonia ponde conseguir fazer alguma cousa, apesar de muito mal auxiliada por Galvão, Ferreira e Clelia, nas scenas do 3.º e 4.º actos.

Muito bem feito o final do terceiro e a scena capital do ultimo.

Não nos parece que a empresa possa aproveitar alguma cousa dos reclames da casa David Corazzi.

\*  
\*\*

Foi muito concorrida e brilhante a recita das *Meninas Godin*, dada pela empresa do Recreio em homenagem ao traductor, Sr. José do Patrocínio. O theatro estava enfeitado e illuminado e o traductor foi por varias vezes chamado á scena e applaudido pelo publico.

\*  
\*\*

(1) O celeberrimissimo ininclinpantafaçudo e circumscisflautico parlapatanissimo professorophobo nicromantetico, advinhabundo e viajantastroico Anderson das Apparencias Illudem. deu no Polytheama varias funcções polianthomaneas de prestidigitação e escamoteação dos cobres papalvos, acompanhado pela incomparavel e narigudissima Miss Anderson das adivinhamitricas, tornando-se notavel nas amputações da seriedade especulundrificca e ornapindorilatica.

Com o titulo de *Chronica theatral* deve apparecer depois d'amanhã um novo collega, especialmente dedicado, como o seu titulo indica, á resenha e á critica dos acontecimentos theatraes.

E' seu director o Sr. Luiz Marcello, pseudonymo que mal encobre a sympathica individualidade de um conhecido escriptor.

Esperamos anciosamente a *Chronica theatral*.

#### Recebemos:

Da gentil directoria do *Club do Engenho Velho* um cartão de convite para o sarau-concerto que se ha de realisar nos seus salões na terça feira, 24 do corrente. *Mille grazie*. Não commetteremos a indelicadeza de faltar.

— *Andaluzia*, numero unico. homenagem á imprensa da Corte e Nictheroy e a todas as sociedades que esmolam em beneficio das victimas dos terremotos na Hespanha. Collaboram no *Andaluzia*, alem do Sr. Carmelo Seoane, varios escriptores desconhecidos; principalmente do sexo fraco.

— *A Illustração*, II anno, n. 4. Admiravel, como sempre. Um excellente artigo do seu director Mariano Pina sobre o *Antonio Maria*, uma bella chronica das letras, firmada por Jayme de Seguiet e primcrosos versos de Alberto de Oliveira. Entre outras bonitas gravuras realça a d'*A cabra cega*, formosissima esculptura de Barzaghi.

— *A Vespa*; n. 10. Muito bom este numero. O artista Pereira Netto continúa a caprichar nos seus trabalhos. A pagina central que se occupa com a *Cocota* e aquella caricatura do «tio Martinho» são provas do muito que tem a arte a esperar do lapis desse jovem caricaturista. Texto—de Arthur Azevedo; e tudo está dito.

Delle trasladamos para as nossas columnas, com a devida venia, uma espiritosa anedocta do saudosissimo Arthur de Oliveira.

— *Revista Maritima Brasileira*; anno 4°. ns. 5 e 6, correspondentes a Novembro e Dezembro do anno proximo findo; publicada sob a direcção dos Srs. Sabino Eloy Pessôa, Alfredo Augusto de Lima Barros e Carlos Vidal de Oliveira Freitas.

Magnifica publicação, que honra sobremaneira os seus directores e a ma-

(1) Para se entender o texto d'esta noticia vejã-se os annuncios do *Magico*.

rinha brasileira. Artigos minuciosos, serios, proficientemente lançados; numerosas estampas technicas, primorosamente gravadas, um copioso noticiario, uma secção mecrologica... Emfim, todos os elementos necessarios a uma revista deste genero. Comprimentamos e felicitamos os illustres collegas.

— *Revista de Engenharia*, anno 7, n. 109. Bem escripta e bem impressa.

— *Correio Fluminense*; n. 1. Publicação quinzenal. Prosperidade e longa vida lhe desejamos.

— *Mariposas*, versos de J. de Moraes Silva, com uma introdução de Alberto de Oliveira. Daremos proximamente demorada apreciação sobre este livro.

— «*Datas e factos relativos á historia politica e financeira do Brazil*», por um brasileiro.— Recife, 1885.

Dos Srs. Faro & Nunes:

— «*A Poesia philosophica; poemas modernos, com um programma sobre a renovação scientifica das litteraturas e um excerpto da poesia nova;*» — por Domingos Tarroso. — Ponte de Lima (Portugal), 1883.

— *Valerie*, polka composta pelo Sr. A. Martins Filho e por elle offerecida a Mlle. Valerie Montreuil.

— *Distracção*; n. 24. Muito interessante.

#### FACTOS DIVERSOS

Partiu hontem no *Congo* o joven e distincto pintor Firmino Monteiro, com destino a Paris. Vae continuar ali os seus estudos, tão brilhantemente iniciados. Quando voltar, daqui a dois annos, deslumbrar-nos-ha com a exhibição dos seus trabalhos, em que se ha de reconhecer o punho de um verdadeiro mestre. Boa viagem e prospera sorte.

\*  
\*\*

Tem melhorado dos seus padecimentos o estimavel co-redactor d'*A Folha Nova* Sr. Rodolpho Porciuncula. Prompto e completo restabelecimento lhe desejamos.

#### COFRE DAS GRAÇAS

— Porque será que os *bonds* cortam tantas pernas?

— E' simples a razão. Como sabes, todos os *bandeiras* são pernetas, é de rigor que tenham perna de páu. Ora, como é mais facil apanhar um mentiroso do que um pernetta, as companhias de *bonds* vão cortando com elles as pernas dos transeuntes, substituem-n'as por pernas de páu e empregam depois os amputados como *bandeiras*. E' um processo logico.

No camarim da distincta actriz Apollonia.

Entra o fiscal do theatro, e ella pergunta-lhe:

— Então que tal hoje a *casa*?

— Muito fraca...

— Sim? Mas não póde ser mais fraca do que a de hontem.

— Mas é que hontem havia mais *pro pensão* para o espectáculo.

Outra tambem authentica:

Em um exame de admissão na Escola Normal:

*Examinador*.—A que conjugação pertence o verbo cantar?

*Examinando*.—A' primeira.

*Examinador*.—Porque?

*Examinando*.—Porque faz o infinito em *ar*, como *receber*.

BIBIANO.

#### TRATOS A' BOLA

Não se assustem, carissimos leitores, com relação que ahí vai.

Não é a relação das pessoas que se vaccinaram com a cultura attenuada do microbio da febre amarella; mas simplesmente a dos illustres charadistas que tanto tem honrado esta secção e soffrido as impertinencias de D. Pastel, que, apezar de moço, é rabugento como uma sogra.

E' uma relação immensa, concordamos.

Mas que fazer? Este povo todo remetteu a D. Pastel suas decifrações... por tanto nada mais justo do que publicarlhes os nomes, dando os premios a quem os mereceu.

Aquí vão os seus nomes:

«*Cajú*, Indio Pardalino, Americo, Engolras II, D. Empadinha, D. Tango, Julio C. de Magalhães, Lia Dias, Caleçon (de Minas), Pedro G. dos Santos, Mlle. Omellette, D. Papoula Mandára, Josephina B., M. Ignacio Degagè, Fricinal Vassic, Lyosaio, D. Pastellito, D. Fustreca das Enxundias Picapáo, Leitor Mineiro, Figaro, Anninha, O. de Azevedo, Sangon, Philomeno e D. Confeito.

O primeiro decifrador exacto foi o Sr. *Figaro*, que nos remetteu em verso suas decifrações. Publicamol-as mais adiante. O segundo foi o Sr. O. de Azevedo e em terceiro lugar veio a Exma. Sra. D. Anninha. Podem vir receber os seus premios.

Os Srs. *Julio Cesar de Magalhães*, *Leitor Mineiro*, *Fricinal Vassic* e a Exma. Sra. *D. Josephina* acertaram tambem, mas... vieram tarde. Para outra vez venham mais cedo.

O Sr. *Figaro* disse, ou antes cantou o seguinte:

«*Eu para não ser alarve*  
Como já meu avô era,  
Hei de transpor o *adarve*  
Trissyllabo da *chimera*!

(Digo trissyllabo, pois,  
Que duas syllabas marca  
Sem saber o nome aos bois,  
Sua grammatica parca.

Nem c'uma *lanterna*, olé!  
De achar tres o amigo escapa  
Desengula pois o—E—  
Mesmo a cargas de *Jalapa*).

As telegraphicas são...  
Serão—*caçada* ou *roçado*  
A primeira; a outra não  
Póde ser senão *machado*.

Eu sou barbeiro á moderna:  
Deixei tudo escanhoado!  
Creio ter passado a perna  
Ao seu *Figaro Illustrado*. »

Passado a perna, não. O illustrado Sr. *Figaro* passou simplesmente a mão no *Figaro Illustrado*; e mais nada, seu felizardo!

Eram, por consequente, estas as decifrações: do logogrifho—*Adarve*; da benedictina—*Lanterna*; da antiga—*Chimera*; da ultra-novissima—*Jalapa*; e das telegraphicas—*Caçada* e *Machado*.

Desempenhados dessa primeira parte da nossa missão, passamos á segunda. Temos para hoje a seguinte *fazenda*:

## TELEGRAPHICAS

1-1-1-Mocotó é alimento.  
1-1-1-1-Amolador medicinal.

## ENYGMATA

MIL quanto vale?

## CHARADA VERBAL

Qual o *verbo*, que, junto a um substantivo, próprio de pintura, fórma o sobrenome de um ex-deputado?

Construir pelas seguintes iniciaes uma phrase muito conhecida e frequentemente empregada em tom de lastima:

E. M. E. U. V. D. L.

## ANTIGA

Duas na cara,  
Uma na cabeça.  
No alto do forte  
E' logar da peça.

E' só e não é muito.

Ao primeiro decifrador exacto - um almanach do *Figaro* deste anno, com bonitas illustrações, contos, poesias, etc.

Ao segundo - um exemplar do poemeto *Colombo e Nenê*.

Ao terceiro uma collecção d'*A Semana* (primeiro trimestre).

Agora, como um delicado *hors d'œuvre*, offerecemos aos amigos dos *Tratos* a novidade abaixo, cujas decifrações ficam fóra de concurso. Ao heróe que acertar, além das decifrações das difficuldades anteriores, com a das *calimburguescas* brindaremos com o diploma de — *tope-tudo* de primeira classe.

Aqui vão as

## CALIMBURGUESCAS

E' tambem esta uma invenção de *Frei Antonio*.

Santo frade, impagavel amigo!

Querem saber o que venha a ser uma *calimburguesca*? Pois então ouçam esta pergunta:

« Que desejam o moribundo e o lavrador? »

A resposta ha de ser feita de modo que, produzindo um calimburgo perfeito, satisfaça inteiramente á pergunta; ha de designar uma cousa que, a um só tempo, seja o que o moribundo e o lavrador desejam.

Eis a d'essa pergunta: « *Ar, ar* » (*avar*). O moribundo quer *ar*; e o lavrador — *avar*.

Comprehenderam?

Ora muito bem.

Agora vejam lá como lião de responder a estas:

« De que se precisa para a saude e para a sella? »

« Quaes os fidalgos pouco exigentes que não mordem? »

## CORREIO

Sr. N. M. (S. Paulo). Decididamente o Sr. é um homem muito alegre, mas mesmo muito! Tão alegre que, consultando-nos sobre cousas serias, termina com esta que nos priva de lhe responder devidamente: « Qual o preço da passagem (ida e volta, 1.ª classe), do Rio de Janeiro a Nova Orleans? e quantos dias são precisos para a travessia? »

Ora, carissimo Sr., *A Semana* não é escriptorio de paquetes transatlanticos. Illudio-se completamente. Não sabemos como tambem o Sr. não nos perguntou quem era o pae dos filhos de Zebedeu.

Quanto ás informações do seu *post-scriptum*, agradecemos-lhe cordialmente a boa vontade.

Sr. X. O seu soneto não é indigno de publicação.

Mas os unicos versos realmente bons são estes:

« Vai negra e triste a onda, e canta surdamente:

« Mas lá vem perto a luz... com a fronte afogueada

« Altivo rompe o sól as dobras do Oriente.

Ah! se todo o soneto fosse assim, o senhor teria o gostinho de lel-o em uma das columnas da *Semana*.

Em todo caso agradecemos-lhe a dedicatória feita ao nosso director. Continue entretanto, a distinguir-nos com a sua sympathia e os seus versos. E lembre-se que Roma não se fez n'um dia.

Sr. SAMUEL DIKSON FREIRE. Não senhor, desta vez não apanha o homem na ratoeira.

No *Meio-Dia* nunca appareceu trabalho algum que se parecesse com a *Scena Vulgar* do tal Sr. C. M.

Sosegue por enquanto; mas pode continuar a andar-lhe na pista, porque ha muita gente que se gloria com trabalhos nunca sahidos de suas pennas.

Sr. CALEÇON... A BORDO.—O seu conto, — *Scena vulgar*, já foi publicado na *Gazeta Mineira*, e nunca lemos cousa tão pobre.

Com que então quiz-nos embaçar—o amiguinho? Pois *chuche* agora.

— Aquelle seu (?) Leonel é um personagem que poderia ser verdadeiro, caso o Sr. lhe tivesse tirado o maldicto somno que lhe deu n'aquella noite do baile. Pois um dono de casa póde lá dormir como o Leonel em uma noite d'essas?... Está se vendo logo que o senhor pregou-lhe aquelle profundissimo somno para que o *Cazuzinha* o enramalhasse á vontade.

Tome este conselho:

Não invente personagens nem enredos. Busque sempre os seus homens e factos aqui mesmo, neste terraqueo globo. Ha uma cousa que lhe abre larguissimo espaço; é a observação.

Quanto á fórma, a sua *Scena vulgar* é uma lastima *Dura veritas, sed veritas*. Isto em latim é mais macio.

Sr. LUCAS.—Não aceitamos escriptos mal feitos. Qualquer outro jornal publicará o seu nos *a pedidos*, caso o senhor lhe pague. A *Semana* não tem *a pedidos*; por conseguinte...

Sr. MERICANO.—O Sr. diz no seu soneto (ainda mais outro, ó pai do céu!) que as estrellas, o albor da aurora, a flôr emmurcheando aos *suspiros* da brisa, o gemido das pombas, etc., etc. causam tristeza. Pois a nós o que nos causou tristeza foi o seu soneto. Bem lastimavel esta *victima imbelles* da sua inspiração!

Não pense mais no *suspiro* da brisa; esse infeliz morreu, como o seguro.—de velho.

Deixe-o em paz, por piedade!

Sr. MARIO.—O seu *Prazer e Dor* é uma dôr e um desprazer.

Estude e trabalhe.

Sr. ALEXANDRE, LE GAL.—Se não nos illude a memoria, acreditamos ter lido em uma carta sua, ou de um amigo seu, que o senhor nos daria muito breve um livro de contos. *Razão pela qual* não publicamos o seu — *Episodio Burlesco*: que poderia ser melhor, se o senhor houvesse tido mais um pouquinho de paciencia quando o escreveu.

Somos de parecer que não deve publicar trabalhos que façam parte do seu livro.

Isso pouco lhe daria em gloria.

Um livro é recebido com muito mais estima e attenção porque representa sempre um trabalho intellectual—ou pelo menos typographico de maior folgo do que um simples conto, destacado.

Sr. NOBREGA LEAL.—O seu *Pouff* é fuão e pião, e além d'isso tem uns erros

de grammatica que não lhe perdemos. Olhe estesinho, para amostra:

— « Nenê devia ter posto estas *flôres*, etc., etc.

— Ella riu-se e respondeu:

— Não / do jardim, não! »

Ora, amigo Sr. Nobrega, estude ao menos as regras de concordancia, pelo amor de Deus ou da lingua. Sim?

Sr. MARUJO.—O seu soneto... (Que febre! todo o mundo agora só escreve sonetos! Arrei! Que massada! Já é escandaloso!)

Desculpe-nos este parenthesis. O seu soneto é um pobre diabo. Ah! se nós fossemos a tal Guiomar, que tem, como o senhor diz em mais versos, o céu por docel, o sol por amante, e o mar por poeta, dar-lhe-iamos um cascudo... um cascudo tal, que o senhor nunca mais se metteria a escrever versos!

Sr. JULIO TAVARES.—O seu *Enterro*, — salvo seja! — é funebre.

Seu estro é fraco e indeciso ainda, mas promete.

Que fructifique é o que lhe desejamos.

Sr. JOSÉ MOREIRA FRAGA.—O seu *Her hand* (mais outro soneto! *Uff!*) não é bom. E veja o que é este mundo! O senhor, conforme disse, é feliz, rico e ditoso, porque entre as suas mãos possui a mão de sua amada. Ha muita gente, no entanto, que diz o contrario.

São *coisas*! Este mundo é assim mesmo. Gostamos mais do senhor em prosa do que em verso; o que não quer dizer que o senhor não deva trabalhar em ambos. O trabalho tudo vence. Esperamos ter ainda occasião de hospital-o com todas as honras devidas ao talento, escudado no trabalho.

Sr. JOÃO PEREIRA DE ALMEIDA.—Por um interessante capricho do acaso veiu-nos ás mãos dentro de um numero d'*A Semana* o bilhete que V. escreveu ao « amigo Mendes » com que lhe remetia a nossa folha, dizendo-lhe: « Sou assignante assim: (passe o dedo pelo nariz como quem vae fazer o pelo signal.) Ora, seu Almeida, isso é feio! Um homem d'esses — *nariz de folha, meia-cara, flante!*... Oh!... Venha tomar duas assignaturas de seis mezes: uma para V. outra para o « amigo Mendes ». Isso é que seria bonito e decente.

Sr. ERNESTO LODI.—Correcto e mimoso o seu *Lago*.

Publical-o-hemos no proximo numero.

## CONSULTAS

— Sr. A. F. F. DE MENDONÇA FILHO; Ouro-Fino.—Sua consulta é um pouco obscura. Em que condições deseja fundar a bibliotheca? Qual o adiantamento dos alumnos aos quaes a destina? Que character lhe quer dar: litterario? pedagogico? scientifico ou puramente escolar? Sem esses esclarecimentos vêr-nos-hemos embaraçados para responder-lhe convenientemente.

## ANNUNCIOS

**Dr. Henrique de Sá.**—Espec: Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

## LIVRARIA MODERNA

DE

CUSTODIO GARCIA

2 A RUA DOS OURIVES 2 A

Grande sortimento de livros dos melhores autores nacionaes e estrangeiros, papelaria e todos os artigos para escriptorio e dezerho.

2 A Rua dos Ourives 2 A

# A SEMANA

(PUBLICA-SE AOS SABBADOS)

**Director — VALENTIM MAGALHÃES**

REDACTORES:

**Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida,  
Luiz Murat e Urbano Duarte.**

COLLABORADORES:

**Alberto de Oliveira, Araripe Junior, Arthur Azevedo, Gaspar da Silva,  
Joaquim Serra, Luiz de Andrade, Julia Lopes, Luiz Delfino, Lucio de Mendonça, Machado de  
Assis, Manoel da Rocha, Pedro Americo, Raul Pompeia, Raymundo Corrêa  
e outros muitos escriptores distinctos.**

**A Semana** — que ora entra no segundo trimestre, — não é propriamente uma revista, como as que até hoje tem havido. Publicação hebdomadaria, tem, no emtanto, o caracter de um jornal diário.

O seu fim principal é este: — fazer a historia completa e fiel da semana decorrida, dando a *nota do dia*. Para isso tem secções em que se occupa com tudo quanto tenha sido feito na semana em — sciencias, artes, letras, commercio, industria, costumes, religião, etc., offerecendo aos leitores uma curta noticia, satisfactoria e imparcial, de todos os factos que em todos esses ramos de actividade se tenham realisado nos sete dias decorridos.

No intuito de auxiliar os jovens escriptores de talento, aceitará **A Semana** qualquer trabalho litterario em harmonia com a sua indole e o seu programma, publicando-o, e pagando-o ao seu auctor, de conformidade com a tabella da folha. A primeira das condições para a acceitação d'esses trabalhos é a responsabilidade de seus auctores. Embora sejam publicados com pseudonymo, exige-se que os originaes tragam a assignatura authentica do auctor.

## VANTAGENS DOS ASSIGNANTES

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal: — Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de tres linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim, — que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis, — sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso, — e esta é a principal vantagem, — tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto fór importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem a folha advogados, medicos, commerciantes, em summa: — pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assignantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. **A Semana** é o primeiro jornal que o apresenta, no Brazil.

**N. B. — Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.**

## CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA:

### PARA A CAPITAL

TRIMESTRE. .. 2\$000; SEMESTRE. . 4\$000; ANNO. 8\$000.

### PARA AS PROVINCIAS

SEMESTRE... 4\$000; ANNO. .. 8\$000.

### ASSIGNATURA ESPECIAL

De Abril a Dezembro de 1885. . .. 6\$000

NUMERO AVULSO—100 RÉIS; ATRAZADO—200 RÉIS

## ESCRITORIO DA REDACÇÃO E GERENCIA

(ABERTO DAS 8 DA MANHÃ ÀS 6 DA TARDE)

**36 TRAVESSA DO OUVIDOR 36**

Rio de Janeiro. — Typ. da GAZETA DE NOTICIAS. — 1885.